

do a efeito por outra pessoa, um advogado, pois assim esperava eu assegurar-me contra negócios escusos.

Trabalho duro. Exteriormente, nada havia mudado. A casa ainda me pertencia, o jardim, os livros, mas, por baixo, por trás das aparências, estava já tudo vazio, arrumado, planejado. E Bomplang, que empregava toda a sua cobiça no prolongamento e no embelezamento de meus dias, colaborava sem saber para esse esvaziamento. Mas o que eu deveria fazer?

No princípio de outubro fui até o banco. Era um dia claro de outono, as árvores haviam decidido separar-se de suas folhas. Eu estava num estado lastimável, a pressão demasiadamente alta, o sono atrasado, e a isso tudo veio juntar-se o fato de que um dos poucos dentes que me restavam, ao qual cabia segurar muitos outros, começou a doer. Você tem de agüentar, dissera a mim mesmo pela manhã, debruçado sobre a xícara de chá, uma xícara sem asa, a qual eu não pretendia mais lavar até a partida.

Minha intenção agora era buscar o borrador, para, depois, decidir se deveria ou não levá-lo comigo a Corfu. Se, à noite, eu o queimasse na lareira, não haveria qualquer prova documental de meu delito, independentemente do que viesse a acontecer em Corfu. Se eu o dei-

xasse no banco, em vinte anos um artigo no jornal talvez viesse a contestar a autoria de minha obra principal — isto supondo-se, claro, que ainda existam no futuro pessoas interessadas em literatura, e não apenas gente do tipo do novo proprietário de minha casa. A despeito do cansaço, tive de rir ao imaginar a cara desse futuro acadêmico, que, após cuidadosas pesquisas, chega à conclusão, de início apenas cautelosamente aventada, de que, infelizmente, um autor não identificado há de ter escrito aquele livro que, das décadas de 50 a 80 do século passado, alcançou um alto número de edições e uma grande popularidade. E lá se vai a glória póstuma: com essas palavras, entrei no banco, fazendo-me conduzir até o porão, onde, a uma distância apropriada de um funcionário — à espreita de um ladrão em potencial até mesmo num octogenário —, fui levado até meu cofre, de onde retirei o borrador, fechando-o outra vez e sendo então conduzido de volta ao pavimento superior e à rua, na qual, apertando o precioso bem contra o peito, pus-me de novo a caminho de casa. Não o abri, nem senti vontade de lê-lo. Ele estava ali, à minha frente, um incunábulo de uma outra época. Volta e meia eu o tocava com o dedo e, depois, levava o dedo ao nariz, sem, contudo, identificar nele qualquer cheiro próprio.